VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 18 a 20 de setembro de 2014
ISSN 1982-3657

O ABANDONO NA HISTÓRIA DA INFÂNCIA: UM DIÁLOGO COM REGISTROS AUDIOVISUAIS

Sônia Maria Fernandes dos Santos[i]

Eixo temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo:

Este estudo tem a intenção de discutir a respeito do abandono na história da infância, tendo como ponto de análise para as discussões os filmes *O garoto* (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921) e *O contador de histórias* (Luiz Villaça, Brasil, 2009). O abandono de crianças é tão antigo quanto a história da colonização brasileira, o que contribuiu, no período colonial, para o aumento da mortalidade infantil, uma vez que as instituições que deveriam responsabilizar-se por essas crianças não o faziam. Em Portugal, as primeiras dessas instituições foram criadas em parceria com a sociedade, o clero e a coroa. Nos filmes em questão, o abandono surge como solução para a garantia de uma infância melhor, no entanto, sob o olhar das crianças retratadas nos filmes, esse pode não ter sido o melhor caminho.

Palavras-Chave: infância; abandono; cinema

Résumé:

Cet étude sert à discuter l'abandon de l'enfance d'après des analyses des films "Le fils" (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921) et "Le raconteur d'histoires" (Luiz Villaça, Brésil, 2009). L'abandon de l'enfance, bien dit, c'est quelque chose de très loin dans l'histoire, du temps de la colonisaton du Brésil. Et ce que contribuait pour l'immortalité d'un nombre très grand d'enfants au Brésil, bien compris, les institutions ne se rendaient pas compte de leur conduite e de leurs propres enfants, différemment de Portugal qui faisait attention à l'appel de la société, du clèrge e de la couronne. Dans les deux films, l'abandon est montré comme garantie d'une enfance heureuse, mais pour les enfants des films, c'est bein le contraire.

Mots Clés: enfance, abandon, cinéma.

1- Infância abandonada: para início de conversa...

Este estudo tem a intenção de discutir a respeito do abandono na história da infância, estabelecendo um diálogo com os filmes *O garoto* (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921) e *O contador de histórias* (Luiz Villaça, Brasil, 2009). O tema do abandono compõe a história da infância e registra-se como fato importante para discutirmos a respeito de algumas concepções que se sustentam dentro do cenário mundial da infância – entendida como uma construção cultural e histórica. Estudá-lo, possibilita-nos refletir a respeito de mudanças históricas e sua continuidade para tentar compreender padrões de comportamentos e sociais no que se refere à infância e sua história, uma vez que muitos aspectos da infância contemporânea procedem do passado.

A história do abandono de crianças é tão remota quanto a própria história da colonização brasileira. Em diferentes sociedades, as formas de abandono são diversificadas e foram sempre permitidas e toleradas. Na Grécia antiga, os pais, quando não desejavam mais ter seus filhos consigo, deixavam-nos em um lugar selvagem a fim de que morressem, não importava a forma, desde que a morte não fosse a partir de suas próprias mãos. Na Roma, a criança deveria ser reconhecida pelo pai que lhe concedia ou não o direito à vida em um ritual para legitimá-lo como filho. O recém-nascido era apresentado ao pai e, se este o desejasse como filho, o recebia nos braços. Se o pai o negasse, rejeitasse, a criança era entregue às ruas. Caso a criança não morresse, de frio ou de fome, poderia pertencer a qualquer pessoa que desejasse tê-la, ainda que para a função de escrava. Nestas civilizações, Grécia e Roma, o poder dos pais sobre os filhos era absoluto.

Foi no século XII, na Europa, que surgiram as primeiras instituições pensadas para a proteção de crianças. No entanto, muito mais que protegê-las, essas instituições tinham o objetivo de afastar as crianças do convívio social, segundo os interesses da sociedade, e a confinavam nesses espaços para "livrá-las" do abandono selvagem ou da morte. Assim nasceram as "Rodas dos Enjeitados ou dos Expostos" – peças giratórias, em forma de cilindro, com um espaço côncavo em seu interior, instaladas junto às portarias de asilos, conventos ou mosteiros. Em Portugal, por exemplo, as primeiras dessas instituições foram criadas em parceria com a sociedade, o clero e a coroa.

A princípio, estas Rodas serviam como meio de comunicação entre as pessoas que se localizavam na parte interna e externa do convento. Do lado externo havia um pequeno sino, acionado por alguém no momento da entrega de algum objeto. No interior do convento, alguém girava a roda para retirar os objetos ali depositados. Tempos depois, eram crianças enjeitadas que se depositavam nas rodas, muitas delas filhas de mães solteiras ou advindas de relações "indecorosas". Algumas crianças expostas nas rodas carregavam consigo algum objeto deixado por sua mãe para identificá-las, como fitas, bordados, bilhetes, medalhas, na esperança de um dia poder recuperar seu filho e reconhecê-lo. As crianças permaneciam nesses espaços religiosos até determinada idade, depois eram transferidas para instituições de acolhimento para serem educadas e "preparadas" para a vida.

O fato da Roda dos expostos ter permanecido por um tempo significativo na história, dá-se ao fato de que, o abandono de crianças nas rodas, comparada ao infanticídio, era menos impiedoso. Ao invés de serem deixados em bosques, lixos, portas de igreja ou de famílias, muitas vezes não resistindo a determinado tempo de exposição ao frio ou ao ataque de alguns animais, ou vítimas de crimes morais, era melhor que fossem entregues a essas instituições, pois assim estariam "protegidas". Apesar de que, muitas crianças morriam mesmo depois de entregues às instituições. Acredita-se ainda, segundo Marcilio (2011), que muitas crianças vítimas do abandono não eram assistidas por instituições especializadas, mas por famílias substitutas, isso se considerarmos o fenômeno do abandono de crianças na perspectiva histórica ampla. Para Venâncio (2012, p. 190),

> os diferentes ritmos de crescimento do mundo colonial repercutiram fortemente na condição de vida das crianças. No campo, espaço das transformações lentas, o abandono raramente ocorria e vários enjeitados acabavam sendo adotados como filhos de criação ou agregados por famílias estruturadas.

As Rodas foram mantidas até o final do século XIX, na Europa. No Brasil, foram criadas a partir do século

XVIII e se mantiveram até 1950. Três delas foram implantadas no Brasil durante a época colonial, uma em Salvador, a segunda no Rio de Janeiro e a terceira em Recife. Segundo Marcilio (2011), a Roda dos Expostos foi uma das instituições brasileiras que perdurou por muito tempo, sobrevivendo desde o período colonial até a República. E durante esse período, foi praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada em todo o Brasil, cumprindo importante papel.

2 – Na contemporaneidade...

Os tempos passaram, mas o abandono de crianças ainda persiste no mundo contemporâneo. No entanto, um novo quadro começou a ser emoldurado a partir da década de 1980. Com o fim das Rodas dos expostos, novos olhares voltaram-se para a infância. Em 1941 é criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) e, em 1964 a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) – Lei Federal 4.513 de 01/12/1964, que visava formular e implantar a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM) em todo o território nacional. Criança abandonada passa a ser, a partir de agora, um problema de ordem da segurança nacional, com isso, amplia-se o quadro de instituições correcionais de menores.

Posteriormente, criaram-se as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor, com responsabilidade de observarem a política estabelecida e de executarem, nos Estados, as ações pertinentes a essa política. Assim, a Lei Estadual 1.534 de 27/11/1967 autorizou o Poder Executivo a instituir a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM, vinculada à Secretaria de Estado e Serviço Social, cuja função seria prestar assistência ao menor, na faixa etária entre zero e dezoito anos de idade, no Estado da Guanabara, com programas de atendimento a menores em situação irregular, na tentativa de prevenção contra a marginalização e possibilidades de promoção social. Nesse mesmo período foi criada, também, a Fundação Fluminense do Bem-Estar do Menor – FLUBEM, responsável em atender o antigo Estado do Rio de Janeiro.

Vinculado à luta pela ampliação da cidadania e dos direitos humanos, é criado, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Assim, crianças e adolescentes passam a ser considerados como integrantes das políticas sociais. Criam-se os Conselhos Municipais de direitos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares, a fim de descentralizar a responsabilidade pela questão da infância e adolescência transferindo-a para a sociedade civil. No entanto, não há como negar as dificuldades enfrentadas por estes órgãos principalmente no que se refere à capacitação de fundos. Ainda assim, são eles que ainda persistem na proteção integral à infância e juventude.

3 – As representações no cinema

Segundo Guilhem (2007), os filmes são capazes de construir representações sociais e influenciar comportamentos. Eles podem estar a serviço de certos valores, interesses e concepções de mundo, ao mesmo tempo em que podem ser um instrumento poderoso de transformação social. Assim, como um dos documentos de reprodução de som e imagem, o cinema, provoca os limites da sensibilidade e instiga-nos à reflexão do real a partir das representações simbólicas.

Partindo dessa premissa, é coerente ressaltar que os registros audiovisuais são fontes de pesquisas fecundas, de interesse de pesquisadores de diferentes áreas, capazes de suscitar análises comparativas, dentro de um vasto repertório, sobre temas diversos. Uma vez que, segundo Hagemeyer (2012), "com o cinema, surgiu no século XX, uma nova forma de representar o mundo – e para o historiador, uma nova forma de pensar a história".

Neste estudo, estabeleceremos diálogo com os filmes *O garoto* (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921) e *O contador de histórias* (Luiz Villaça, Brasil, 2009), ressaltando o tema do abandono transposto para as narrativas fílmicas, destacando o registro audiovisual como objeto e fonte para a pesquisa histórica.

3.1 – O garoto (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921)

O filme O garoto (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921)[ii], conta a história de um bebê que foi abandonado pela própria mãe, após sair da maternidade – hospital de caridade. Apesar de tal atitude ser considerada, por muitos, um ato desumano e impiedoso, Chaplin, com grande maestria e sensibilidade, caracteriza a personagem como uma vítima da situação difícil que se encontrava: abandonada pelo namorado, grávida, sem condições financeiras e emocionais para cuidar de uma criança. Isso é perceptível em vários tomadas da comédia dramática.

Em uma das primeiras imagens, a tela apresenta o seguinte texto: "um filme com um sorriso e, talvez uma lágrima". E, logo em seguida apresenta "a mulher cujo pecado foi ser mãe". Assim, a película anuncia a preocupação e o medo da mãe em fazer o filho sofrer na tentativa de não a julgarmos pelo seu ato: abandonar a criança em um carro de família com condições financeiras melhores, após escrever o seguinte bilhete: "por favor, ame e cuide desta criança órfã". A narrativa fílmica nos faz acompanhar todos os passos da mãe e sua aflição e arrependimento pela ação cometida. Decidida, ela retorna ao local para tomar seu filho novamente nos braços, mas é tarde demais: o carro onde colocara a criança foi roubado e mãe e filho são separados pelo destino.

Tais cenas nos remetem ao fato histórico das Rodas dos Expostos em que muitas mães eram obrigadas a abandonarem seus filhos para fugir de uma condenação moral. A esse sentimento materno no momento do abandono, Venâncio (2012, p. 189) nos remete ao período colonial em que

> muitas mulheres viram-se diante da necessidade de abandonar os próprios filhos. Não é exagero afirmar que a história do abandono de crianças é a história secreta da dor feminina, principalmente da dor compartilhada por mulheres que enfrentavam obstáculos intransponíveis ao tentar assumir e sustentar os filhos legítimos ou nascidos fora das fronteiras matrimoniais.

Após esse episódio, entra em cena o Vagabundo, interpretado por Chaplin, que encontra a criança abandonada perto de sua casa, tenta reencontrar os pais do bebê, mas, depois de tantas tentativas em vão, percebe que terá que ficar com a criança. Sua decisão é fortemente revelada após ler o pequeno bilhete deixado pela mãe da criança em seu cobertor, pedindo aos futuros pais adotivos que cuidassem da criança com muito amor e carinho.

Desde então, a história entre o pai Vagabundo e o Garoto John começa a se materializar na película. Ao contrário do medo que levara a mãe a abandonar o filho, o Vagabundo, mesmo com todas as dificuldades da vida, não mede esforços para cuidar bem da criança, dando-lhe toda a atenção solicitada pela mãe que o abandonara.

Pode-se inferir que, ao tratar o tema do abandono, Chaplin nos sugere refletir acerca de diferentes sentimentos em relação ao abandono e o que se caracteriza abandono de fato. A mãe passa a vida carregando a culpa do abandono e, depois de cinco anos, mesmo alcançado sucesso como uma grande estrela, demonstra tristeza e tenta afagar sua dor e culpa com ações de caridade aos mais necessitados; O Vagabundo, apesar de não usufruir de bens materiais necessários para uma vida mais digna, sente-se feliz ao lado do Garoto e de poder compartilhar sua vida com o mesmo, demonstrando sempre muito carinho e atenção para com o menino; o Garoto, ao mesmo tempo em que vivencia a dura realidade ao lado de o Vagabundo tem sua "dor" acalentada pelo afeto recebido de seu tutor e, por um tempo desconhece a existência de uma mãe.

No decorrer da película há uma ameaça de o Garoto ser afastado de Chaplin, pois as autoridades julgam que a crianças precisa de cuidados e atenção que não poderiam ser dados pelo Vagabundo naquela condição em que vivia. Nesse momento do filme, tanto o Garoto como o atual pai lutam para permanecerem juntos. Tal

cena pode representar, para muitos, uma metáfora do que a mãe do Garoto deveria ter feito, ou seja, lutar pelo filho. No entanto, pode demonstrar também apenas o cumprimento ao pedido da própria mãe para cuidar de seu filho, ou impedir que a criança passe mais uma vez pela situação do abandono ainda que fosse encaminhado a um orfanato.

3.2 – O contador de histórias (Luiz Villaça, Brasil, 2009)

No filme O contador de histórias (Luiz Villaça, Brasil, 2009), baseado na vida do mineiro Roberto Carlos Ramos, a imaginação de Roberto (Marco Ribeiro) transforma a realidade em que vive em um mundo de imaginação e magia. No entanto, ao ser enviado para a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor – FEBEM (década de 1970), com a esperança de sua mãe em garantir-lhe uma vida melhor e acreditando que ele ali teria roupa, comida e instrução e, que a instituição poderia ajudá-lo a ser "um doutor", Roberto perde sua "inocência" ao ser impulsionado a repensar as regras de sobrevivência do local. Escasso de afeto e atenção, Roberto acaba desacreditando na possibilidade de o afeto poder transformar sua realidade.

O Contador de histórias descreve um período histórico em que o Brasil sofre consequências advindas do processo de industrialização. Esse processo tomou forte impulso na década de 1950, intensificando-se no princípio dos anos 70 – época em que a história fílmica se situa. Tal avanço estimulou a economia e a oferta de empregos urbanos aumentou, atraindo um número significativo de trabalhadores vindos do campo e das cidades do interior. Com isso, houve crescimento da população e muitos brasileiros foram obrigados a viver nas favelas, que nunca pararam de crescer, assim como o contingente de menores abandonados e carentes.

Na mesma década, os governos militares resolveram que o internamento dessas crianças e adolescentes seria a melhor política. Nasce a FEBEM –Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, com unidades presentes em todos os estados brasileiros.

A propaganda oficial do governo, reproduzida no filme, divulgava que os jovens internos poderiam sair dali "doutores" e, que as crianças precisam de cinco princípios para a garantia de um futuro melhor: o F da fé, o E da educação, o B dos bons modos, o E de esperança, e o M da moral". A mãe de Roberto Carlos Ramos, uma lavadeira com dez filhos para criar, acreditou na propaganda da ditadura e resolveu levar o garoto, o mais novo dentre os irmãos, para uma unidade da FEBEM, em Belo Horizonte.

Muito criativo e inventivo, Roberto Carlos imaginava um espaço cheio de cores, brinquedos, animação, mas ao chegar lá a realidade era bem diferente. E não demorou muito tempo para que aquele local se transformasse em um cenário bem distante das criações inventivas da criança. Um espaço que possibilitou a separação entre ele e sua mãe. A sensação de abandono retratada pelo protagonista é expressa em várias tomadas do filme. Em todas elas a mãe de Roberto, que só podia visitá-lo uma vez por mês, tentava convencê-lo de que aquele era o melhor lugar para ele, mas o menino sempre desacreditava, pois vivia duras experiências naquela instituição e sempre acreditou que sua mãe não lhe queria mais.

Para Venâncio (2012, p. 202), "do ponto de vista oficial, mães 'que davam seus filhos' pareciam desalmadas e egoístas. No dia-a-dia, porém, a realidade era outra e o abandono podia representar um verdadeiro gesto de ternura".

O menino nunca entendeu a atitude de sua mãe, ainda que nela estivessem contidas doses de ternura. Não demorou muito tempo para Roberto Carlos rejeitar sua mãe e, para compensar toda negação. O menino começa a utilizar estratégias em busca de visibilidade, já que compreendia que as práticas educativas da FEBEM eram arbitrárias ao que propunha.

Além de nos conduzir ao mundo do imaginário infantil, o filme apresenta-nos a realidade de uma instituição para crianças que as via como meros figurantes, pois não acreditava que fossem capazes de ter projetos de vida "aceitáveis" pela sociedade. A instituição que visava acolher as crianças que ali chegavam, dia após dia dava as costas para Roberto, pois para a FEBEM, no filme, muitas crianças eram irrecuperáveis.

Roberto Carlos, na verdade, é a representativa de toda criança abrigada que, além das experiências vivenciadas antes da institucionalização, parece dispor de um espaço exíguo para revelar seus desejos e necessidades, de ter voz. Então, não vendo outra saída, sujeita-se às rotinas rígidas da instituição, constituindo-se passivo, conformado, subjugado. Com isso, consciente de que esse espaço nunca lhe compensará o bem-estar psíquico e a individualização, procura visibilidade através da transgressão – fugas, brigas, objeções etc., na tentativa de ser ouvido e visto por uma sociedade que também desprezara. Durante toda a narrativa fílmica, o protagonista transita entre a barbárie e a decência – metáfora, talvez, de muitas políticas e instituições que se dizem "protetoras" e "correcionais".

Apesar da institucionalização de crianças ter surgido como uma tentativa de solucionar o problema de crianças e adolescentes abandonados, esta tentativa mostra-se ainda ineficaz no Brasil, uma vez que as políticas públicas não alcançam as causas desse problema, quais sejam, a miséria social, a carência de apoio socioeducativo, a ausência de prevenção em relação à violência doméstica etc.. Ao invés de reabilitar, dilata ainda mais a distância entre a criança e sua família e, muitas vezes, até a convivência em sociedade. Nesse caso, a institucionalização viola, portanto, a cidadania e apresenta-se muito mais como um incentivo ao abandono do que como uma alternativa.

4 – Algumas considerações a respeito desta conversa...

No tocante ao motivo que levara as mães a abandonarem seus filhos, os dois filmes – *O garoto* (The Kid, Charles Chaplin, EUA, 1921) e *O contador de histórias* (Luiz Villaça, Brasil, 2009) – assemelham-se. A certeza da "incapacidade" em criar suas crianças, geralmente é retratada vinculada ao contexto socioeconômico, e não a puro descaso ou "insensibilidade" maternal.

Para muitas mulheres da história de nossa sociedade, enjeitar os filhos também era uma forma de protegê-los. Nos filmes em questão, o abandono surge como solução para a garantia de uma infância melhor, no entanto, sob o olhar das crianças retratadas nos filmes, esse pode não ter sido o melhor caminho, uma vez que o julgamento sobre o que era melhor para elas partiu de uma visão adulta sem ao menos levar em consideração a visão das crianças.

Na história da infância, é sempre viável a conexão dos fios do passado e do presente para compreender algumas perspectivas e concepções evidentes nas práticas sociais. O cinema é mais uma fonte propícia para incitar essa conexão. Os estudos sobre infância têm apresentado um significativo avanço, possibilitado importantes contribuições para o cenário nacional sob diversos enfoques.

Em relação à temática da criança abandonada, é preciso compreender que há uma articulação nítida com as questões sociais, muitas delas consequentes e ocasionados da barbárie instaurada no processo de constituição do sujeito e da sociedade. Sendo assim, compreender a história pode ser um caminho para amenizar os atritos e conflitos por nós vivenciados nesse processo.

REFERÊNCIAS:

BAZIN, André. **O cinema: ensaisos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ELSENSTEIN, Sergei. **O sentido do Filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FALEIROS, Vicente de Paula. Moreira. "Infância e processo político no Brasil". In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 33-96.

GUILHEM, Dirce. **Pelas lentes do cinema: bioética e ética em pesquisa**. Brasília: Ed UnB, 2007.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História e audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (História &... Reflexões, 15).

LEITE, Miriam L. Moreira. "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem". In: FREITAS, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2011. p. 19-52.

MARCILIO, Maria Luiza. "A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1720-1950". In: FREITAS, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2011. p. 53-80.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832).** São Paulo: Annablume: FINEP, 2008.

ORIONTE, Ivana; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. **O significado do abandono para crianças institucionalizadas**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 29-46, jun. 2005.

RIZZINI, Irene. "Crianças e menores – do pátrio poder ao pátrio dever. Um histórico da legislação para a infância no Brasil". In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 97-149.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Campo Imagético)

TRUFFAUT, François. **O prazer dos olhos: escritos sobre cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

VENÂNCIO, Renato Pinto. "Maternidade negada". In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 189-222.

VOGEL, Arno. "Do Estado ao Estatuto. Propostas e vicissitudes da política de atendimento à infância e adolescência no Brasil contemporâneo". In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 287-321.

---

[i] Mestre em Letras/Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará – ILC/UFPA; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Pará – ICED/UFPA; membro do grupo de pesquisa Constituição do sujeito, cultura e educação (ECOS/UFPA). E-mail: soninhamar@uol.com
.br

[ii] Muitos críticos de cinema fazem um paralelo do filme O Garoto com a própria vida de Charlie Chaplin. Boa parte de sua infância foi vivenciada em um orfanato, separado do seu irmão, pois sua mãe não tinha condições financeiras e mentais para cuidar de ambos, pois fora abandonada pelo marido quando os filhos eram muito pequenos. Há também críticos que justificam a alta dose de sensibilidade devido ao fato de que o filho recém-nascido de Charlie havia acabado de falecer quando começaram as gravações de O Garoto.

Recebido em: 29/06/2014
Aprovado em: 29/06/2014
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: